

A VOZ DA REVOLUÇÃO

Nº 12

ÓRGÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO)

SETEMBRO DE 1972



Camarada
Samora Machel
Presidente da
FRELIMO

LANCEMO-NOS NA LUTA COM MAIS DETERMINAÇÃO

SETEMBRO 25

8º ANIVERSÁRIO
DO COMEÇO DA LUTA ARMADA
EM MOÇAMBIQUE

Camaradas,

É correcto comparar a revolução com uma fogueira. Ela começa hesitante, timidamente. Tem de vencer dificuldades para firmar-se, alastrar, crescer. Mas uma vez implantada no seu elemento as chamas correm, espalham-se, avançam, e nada é capaz, de as fazer parar. Assim acontece com a nossa revolução em Moçambique.

Começámos fracos, sem experiência, divididos. Tínhamos uma linha correcta, mas era-nos difícil po-la em execução. Havia contradições no nosso seio — muitos dos nossos militantes estavam ainda dominados pelos seus interesses pessoais, egoístas e tentavam sobrepor-los aos interesses do povo. Não estávamos unidos — a ambição, a corrupção, o tribalismo, o racismo prevaleciam em alguns dos nossos camaradas. Mas a luta cresceu — e o seu crescimento ele próprio eliminou estes males. Hoje existe na FRELIMO uma unidade sólida e firme — mais sólida porque é estabelecida não em torno de uma pessoa, mas de uma ideia — a da independência completa de Moçambique. Mais firme ainda porque todos os aspectos e implicações desta ideia, quer dizer, a nossa ideologia — são compreendidos e assumi-

dos por todos os militantes da nossa Organização.

É isto que explica as grandes vitórias que temos alcançado nos últimos anos. Vitórias políticas em 1º lugar — concretizadas pela adesão de todo o povo Moçambicano à luta de libertação. O nosso povo nas zonas em luta está preparado e aceita hoje os maiores sacrifícios, sem trair nunca o seu ideal nacionalista, determinado a levar a luta até à vitória final. A estes trabalhadores anónimos da revolução pertence de facto o maior mérito dos nossos sucessos. Mas também nas zonas onde a luta armada não começou ainda, a tomada de consciência do povo, em apoio da FRELIMO, sem distinção de raça ou cor ou nível social — é cada vez maior. A este respeito, queremos felicitar em particular a posição recente dos estudantes moçambicanos das Universidades, Escolas Técnicas e Liceus, que em esmagadora maioria se pronunciam contra o colonialismo, pela independência nacional. Esta posição honra-os, torna-os dignos da estima do seu povo.

Saudamos os camaradas que no trabalho clandestino, principalmente nas cidades, a cada passo arriscam a vida, desafiando a máquina tenebrosa da PIDE, criando con-

dições para que a luta armada também aí se estabeleça.

Recomendamos coragem aos milhares de moçambicanos que pelo seu amor ao povo e à liberdade sofrem hoje nas prisões e nos campos de concentração dos colonialistas. A eles lembramos que cada dia que passa a nossa luta avança — e o dia da vitória final, será um dia de libertação e glória para nós todos.

Exortamos todo o povo moçambicano, de todas as raças, credos religiosos, operários, camponeses, intelectuais, comerciantes, soldados no exército colonial, estudantes — a prepararem-se para o começo da luta armada na sua zona. O trabalho principal que lhes incumbe nesta fase é fundamentalmente de mobilização e organização — explicando aos que eventualmente não estão ainda esclarecidos, sobre os objectivos da FRELIMO, a necessidade e a razão da luta de libertação. Outros passos a tomar dependem das circunstâncias específicas de cada lugar. Mas o que nos deve orientar neste trabalho é a seguinte consideração: a luta cobre já Cabo Delgado, Niassa e Tete; ela começou em Manica e Sofala; e embora até aqui, em todas as províncias, a luta armada tenha sido restricta ao campo, às

zonas rurais, à medida que entramos em zonas mais povoadas, inevitavelmente ela vai atingir também as cidades. Por isso, nas cidades também devemos reforçar o trabalho de organização.

Camaradas,

Estes sucessos políticos que acabamos de referir, coordenados com o melhoramento do nosso nível técnico — militar, a introdução de armas mais modernas e poderosas, e o aumento da solidariedade internacional permitiram grandes vitórias no campo militar. Assim, há exactamente uma semana as forças da FRELIMO na Província de Cabo Delgado lançaram uma série de ataques simultâneos contra 7 postos portugueses, entre os quais de Mueda, que é o Quartel — General português de Cabo Delgado. Mueda ficou meio — destruída, com casas demolidas, os depósitos de armas e combustível explodidos, o campo de aviação inutilizado. Nessa acção 18 aviões e helicópteros foram destruídos no solo pelos nossos obuses. Um avião 'Harvard' que vinha socorrer a guarnição do posto foi abatido e caiu nas nossas posições. Cerca de um mês antes, outro avião fora abatido em Ntandazi, também perto de Mueda. Em Junho um helicóptero foi alvejado e caiu nos arredores do posto de Macomia. Em outras acções nesta Província desde Setembro de 1971, os combatentes da FRELIMO abateram mais um avião e dois helicópteros em Nangololo e Muidumbe; mataram mais de 1,100 soldados portugueses; destruíram 96 veículos; atacaram 14 postos; e destruíram 3 pontes. As baixas inimigas aqui são tão altas que Cabo Delgado é chamado entre os soldados portugueses de «zona de morte» ou «2º Vietnam».

No Niassa, conseguimos paralisar as principais vias de comunicação, isolar ainda mais o inimigo e intensificar os nossos ataques. No último ano abatemos um avião e um helicóptero, atacámos 13 postos, destruímos 54 viaturas, 3 locomotivas e 15 vagões, sabotámos 8 pontes e matámos cerca de 350 soldados inimigos.

Em Tete, onde a luta armada esteve interrompida e recomeçou só há 4 anos, os nossos sucessos são notáveis. No período do ano passado que estamos a considerar, abatemos 4 aviões e 2 helicópteros, destruímos 10 locomotivas e 23 vagões, afundámos 14 barcos de patrulha no rio Zambeze, atacámos 37 postos, destruímos 168 viaturas, sabotámos 7 pontes e matámos mais de 1000 soldados portugueses.

Um aspecto a salientar é que a luta em Tete desenvolveu-se a tal ponto que esta

Província pôde servir de base de apoio para o começo da luta em Manica e Sofala.

Em Manica e Sofala, as primeiras acções tiveram lugar no dia 25 de Julho passado. Atacámos já vários postos do inimigo na zona norte desta Província, libertámos populações, destruímos viaturas, capturámos material de guerra.

Estes são sinais certos e incontestáveis das nossas vitórias. Para além do número, nós podemos ver a marcha inexorável da nossa luta, garantida pelo seu carácter justo e popular. E podemos compreender também o desespero dos Portugueses, que os leva a intensificar a repressão, os massacres e as brutalidades contra o nosso povo.

Dissemos que uma das condições que permitiu a nossa luta progredir em ritmo tão rápido foi o aumento da solidariedade internacional. De facto essa solidariedade é hoje intensa, e nas suas manifestações concretas tem realizado dois objectivos: isolar Portugal, e apoiar a FRELIMO.

O sucesso desse movimento é confirmado pelo facto de que a ajuda à FRELIMO que até aqui vinha só dos países socialistas e de algumas organizações privadas dos países ocidentais estendeu-se agora aos próprios governos dos países tradicionalmente aliados de Portugal. Assim há alguns meses, os Ministros dos Negócios Estrangeiros da Noruega e da Dinamarca visitaram o escritório da FRELIMO em Dar es Salaam e afirmaram o apoio dos seus governos à nossa causa. O Primeiro Ministro da Suécia já prometera reforçar substancialmente a ajuda financeira aos movimentos de libertação. Organizações para-governamentais de outros países como a Holanda dão-nos também auxílio directo. Os países africanos reunidos na última Conferência de Chefes de Estado que teve lugar em Rabat decidiram au-



mentar de 50% o fundo do Comité de Libertação. Os países da África Oriental e Central assinaram um Compromisso de Solidariedade para com os movimentos de libertação na sua última reunião de alto nível na Tanzânia. As Nações Unidas nas suas resoluções continuam a condenar Portugal pela sua política colonial.

Esta solidariedade internacional foi manifestada também durante este ano pela visita de 26 personalidades estrangeiras às zonas libertadas do nosso país — dos quais 2 Tanzanianos, 3 suecos, 5 chineses, 4 americanos, 3 ingleses, 1 canadiano, 1 alemão da Alemanha Ocidental, 6 italianos e 1 búlgaro. Eles puderam ver por si próprios o desenvolvimento do nosso trabalho em Moçambique livre e a determinação do nosso povo. Alguns vieram fazer filmes, outros escreveram artigos. E levaram para os seus países a imagem da nossa luta.

Claro que a esta solidariedade internacional contrapõe-se o apoio a Portugal do imperialismo internacional e dos países racistas da África Austral. Foi durante este ano que a América deu uma ajuda financeira enorme ao Marcelo Caetano. A França continua a enviar helicópteros e armas que estão a ser usadas nas guerras coloniais; a Alemanha Ocidental estreita as relações militares e políticas com o nosso inimigo; a Inglaterra prometeu a Portugal o mesmo auxílio que lhe deu a América; o Japão tornou-se um dos principais investidores em Portugal e nas colónias. A África do Sul e a Rodésia enviaram tropas, armas, aviões e outro equipamento para reforçar o exército português. Temos de estar conscientes desta realidade, para não cairmos no erro de subestimarmos a força e a capacidade de financiamento e equipamento do inimigo. Mas esta aliança imperialista contra a qual temos de lutar deve ser um estímulo para nós, deve reforçar a nossa determinação: porque nos revela que a nossa luta é parte da luta universal do homem contra todos os males criados não só pelo colonialismo, mas pelo sistema mais amplo que preconiza a opressão e a exploração como princípios válidos e legítimos, isto é, o imperialismo.

Animados portanto pelos nossos sucessos, conscientes das razões destas vitórias e do inimigo contra quem lutamos — lancemo-nos na luta com mais determinação ainda. As palavras de ordem do ano passado e que devem ser bem assimiladas cada vez melhor por nós todos, continuam válidas para o próximo ano: intensificar o trabalho político no seio dos quadros, estender a luta, consolidar as regiões libertadas.

A LUTA CONTINUA.

A FRELIMO NA CONFERENCIA DOS ESTADOS DA ÁFRICA ORIENTAL E CENTRAL

'Nós respeitamos a ajuda da África'



O Presidente da FRELIMO falando na Conferencia

A 8ª Conferencia dos Chefes de Estado da África Oriental e Central reuniu-se em Dar es Salaam de 7 a 9 de Setembro de 1972.

Integrando-se dentro do espirito da Reunião da OUA em Rabat a Conferencia reflectiu a determinação crescente dos países africanos de assumirem a sua parte de responsabilidade na luta de libertação. De entrada o Presidente Nyerere deu o tom declarando: «Não é necessário repetir constantemente a nossa oposição ao colonialismo e ao racismo em África. Não é necessário explicar o nosso apoio ou as razões do nosso apoio aos combatentes da liberdade. O que se quer agora dos países da África Oriental são acções, não palavras.»

Contudo o aspecto mais importante, segundo o nosso ponto de vista, foi a perspectiva correcta segundo a qual foi analisada a luta de libertação. Na realidade a Conferencia não se limitou a récriminações contra o colonialismo, mas deu um grande relevo aos sucessos já obtidos, criando assim condições para uma mobilização mais efectiva das massas africanas.

A reunião culminou numa Declaração de Solidariedade para com a luta de libertação em África.

Tomando a palavra na sessão de encerramento o Presidente da FRELIMO camarada Samora Moisés Machel, saudou as resoluções tomadas, afirmando: «Estamos certos de que interpretamos o sentimento de todos os nossos camaradas dos movi-

mentos de libertação nacional ao dirigir as nossas calorosas felicitações aos Países da África Oriental e Central pelas importantes decisões aqui tomadas. Estas decisões revestem uma importancia particular, porque é neste momento que os nossos inimigos, os colonialistas portugueses e os regimes racistas e fascistas da África do Sul e da Rodésia, recorrem aos crimes de genocidio com o objectivo de tentar eliminar a resistencia nacional.»

Mais adiante, ao exprimir-se sobre o sentimento unitário que prevaleceu na Conferencia, o Presidente da FRELIMO afirmou que a FRELIMO não poupará esforços a fim de consolidar a unidade tanto ao nível nacional, como ao nível do conjunto das forças de libertação nacional do continente africano, assim como entre os países africanos independentes e não independentes.

Debruçando-se mais particularmente sobre este último ponto o camarada Samora Machel salientou o carácter das relações que devem existir e reforçar-se entre todos os povos africanos, relações de cooperação e combate na mesma tarefa em que a cada um cabem certas obrigações. «Estamos conscientes de que o peso principal da luta recai necessariamente sobre os movimentos de libertação, mas a ajuda dos países africanos independentes nos planos moral e material é também decisiva. A nossa unidade, a sua consolidação constante exigem que todos nós, povos dos países independentes e países não independentes, saibamos as-

sumir sempre as nossas responsabilidades.»

Mais adiante, o Presidente da FRELIMO, referindo-se ao significado do apoio dos países africanos afirmou: «A ajuda que de vós recebemos é-nos muito preciosa. Nós temos consciencia do que ela é: esforço, suor, sacrificio dos povos dos vossos países. É por isso que respeitamos sempre essa ajuda, utilizando-a de maneira adequada e efectiva, infligindo severas derrotas às tropas inimigas, construindo uma nova sociedade nas nossas zonas libertadas.»

«Por esta razão, concluiu o camarada Presidente, nós sentimo-nos autorizados a utilizar uma linguagem franca para com os países africanos: e não hesitaremos nunca em nos dirigir a eles e submeter-lhes os pedidos de ajuda de que necessitamos em cada nova fase da luta, a fim de que o progresso da luta não fique bloqueado por carencias de ordem material.»

Para melhor ilustrar a correspondencia que deve existir entre os sacrificios e os esforços de uns e de outros, o Presidente da FRELIMO anunciou a abertura de uma nova frente de luta em Moçambique, na Provincia de Manica e Sofala, no dia 25 de Julho de 1972.

A FRELIMO e o povo moçambicano seguiram com atenção os trabalhos desta Conferencia. Nós consideramos que ela representou um passo em frente na compreensão dos problemas da luta de libertação e no reforço da unidade da África combatente.



Comunicado de Guerra

Manica e Sofala

A luta armada de libertação nacional começou na Província de Manica e Sofala no dia 25 de Julho de 1972. Um relatório do Comandante Militar da Província revela que as nossas forças estão activas nas regiões de Mandie, Mungari, Vila Gouveia e na área entre Mungari e Chemba.

Publicamos a seguir as primeiras operações militares levadas a cabo pelos guerrilheiros da FRELIMO na nova Frente de Manica e Sofala.

REGIÃO DE MANDIE

No dia 29 de Julho uma unidade da FRELIMO emboscou um carro militar inimigo que saía da povoação do régulo Nhandshica para Nhatiti. O carro ficou muito danificado, e vários soldados portugueses foram mortos.

Em 6 de Agosto, outro carro transportando tropas foi emboscado quando saía da zona do régulo Chimbirimbiri para Mandie, onde iam passar o fim de semana. O carro foi posto fora de acção, e muitos soldados mortos e feridos.

REGIÃO DE MUNGÁRI

Em 25 de Julho as nossas forças de artilharia e infantaria atacaram o acampa-

mento inimigo de Massi, na zona do régulo Cadalonga. Quase todas as tendas foram destruídas, e 11 soldados inimigos foram mortos.

No mesmo dia, 25 de Julho, uma unidade de infantaria da FRELIMO atacou o acampamento inimigo na zona do régulo Catungireni. Algumas tendas foram queimadas, 7 soldados portugueses foram mortos e vários feridos.

Em 5 de Agosto, atacámos uma força inimiga acampada junto da povoação de Chivanza, causando a morte de 3 soldados portugueses e vários materiais destruídos.

Em 29 de Julho foi emboscada uma coluna de 4 carros que tinham saído de Tete, passado por Changara e estavam a caminho de Vila Gouveia. Um dos carros levava um oficial de alta patente, e os outros 3 serviam de escolta. A emboscada teve lugar na zona de Goera. O 1º carro ficou destruído e 2º, danificado. Desconhecemos as baixas em pessoal que o inimigo sofreu.

No dia 15 de Agosto um camião transportando mercadorias de Changara para Vila Gouveia e escoltado por um camião militar com tropas foi emboscado na zona de Calingamusse. Quando abrimos fogo, o camião militar, que seguia à frente fugiu em direcção a Goera. A maior parte das mercadorias do 2º camião foi destruída.

REGIÃO DE VILA GOUVEIA

No dia 25 de Julho uma unidade da FRELIMO mandou parar uma coluna de 7 camiões que vinham da Beira e transportavam material para Cahora Bassa. A nossa acção teve lugar na estrada pública alcatroada, na zona entre Goera e Vila Gouveia. Os condutores (todos europeus) não ofereceram resistência e por isso foram bem tratados pelos nossos camaradas. Horas depois apareceu um carro que levava um homem e a sua mulher, que iam para Vila Gouveia. Depois de os nossos camaradas conversarem com eles, esse casal aceitou levar os condutores no seu carro para Vila Gouveia.

Todos os 7 camiões e o material que carregavam — tambores de alcatrão, tambores de gasolina, sacos de cimento e material de electricidade para as obras da barragem, foram destruídos.

REGIÃO ENTRE MUNGÁRI E CHEMBA

No dia 3 de Agosto, unidades de artilharia e infantaria da FRELIMO atacaram o posto administrativo do Concelho de Mungari, onde se encontrava estacionada uma companhia inimiga. O posto ficou danificado. O inimigo sofreu baixas, mas não sabemos ainda quantos mortos e feridos. Um Rodesiano que se encontrava no posto nessa altura, especialista na abertura de poços ficou gravemente

ferido durante o ataque. Foi levado de carro para Goera, onde o meteram num avião para a Rodésia.

Tete

Durante os meses de Agosto e Setembro (relatório referente só à zona a Norte do rio Zambeze, com excepção do ataque a Chicó) os guerrilheiros da FRELIMO na Província de Tete atacaram 8 postos e acampamentos inimigos, e fizeram 13 acções de sabotagem e 21 emboscadas de grande envergadura. O número total de soldados portugueses mortos nestas operações foi de mais de 170; 16 carros e uma ponte foram também destruídos.

No dia 24 de Setembro, véspera do 80.º aniversário do começo da luta armada de libertação em Moçambique, os nossos combatentes fizeram um grande ataque de artilharia e infantaria contra o Quartel de Chicó, para comemoração dessa data. O ataque resultou na destruição de 8 casas da administração, 6 casas do quartel, o depósito de material, 3 carros e 1 loja. O inimigo sofreu também muitos mortos, mas não nos foi possível saber o número exacto.

Em 17 de Setembro, já como parte das celebrações do 25 de Setembro, atacámos o posto de Uncanha, destruindo 5 casas e matando 12 soldados colonialistas.

Uma unidade de soldados portugueses estabeleceu um acampamento perto de Carindé, com a missão de criar condições para a abertura de uma mina de carvão nessa zona. Os nossos camaradas atacaram o acampamento destruindo todas as tendas, matando 7 soldados e ferindo muitos outros.

Nos dias 27, 24, 23, 22 e 21 de Agosto atacámos respectivamente os postos de Mwangzi, Chibwia, Kungua (a 5 Kms. de Vila Coutinho), Manje (onde estava estacionada uma companhia inimiga) e Chibovu. Todos estes postos foram muito danificados. Em Chibwia, por exemplo, destruímos ou danificámos 9 casas, 2 carros, e a central eléctrica. Em Manje, destruímos 5 casas e matámos muitos inimigos entre os quais 1 tenente e um alferes.

As operações de sabotagem e emboscadas que referimos neste comunicado realizaram-se na região ao Norte do rio Zambeze, principalmente nas zonas de Fingoe, Cahora Bassa, Casula, Bene, Manje e Chiuta.

Uma ponte de cimento armado foi destruída 2 Kms. do quartel de Vila Gamito, no rio Mussumbe.

Cabo Delgado

Durante os meses de Agosto e Setembro, em adição ao que publicamos nos comunicados anteriores, os combatentes da FRELIMO em Cabo Delgado abateram um helicóptero; atacaram 4 postos e dois acampamentos militares; destruíram 14 veículos, um carro blindado e 600 tambores de alcatrão; e puseram fora de acção 150 soldados inimigos.

ataques

Um acampamento militar na estrada entre Diaca e Mocimboa da Praia foi atacado e destruído em 5 de Agosto. Em 8 de Agosto e 25 de Setembro atacámos o posto de Namatil; em 18 de Agosto o posto de Inhacoma foi atacado: muitas casas foram destruídas e pelo menos 15 soldados inimigos foram mortos; em 24 de Agosto um ataque contra o posto de Ng'apa resultou na morte de 10 inimigos. Em 8 de Setembro as nossas forças de artilharia atacaram outro acampamento nas margens do rio Messalo onde viviam soldados que trabalhavam na construção da estrada. Doze desses soldados foram mortos e 600 tambores de alcatrão incendiados. Em 14 de Setembro, várias casas foram destruídas num ataque contra o posto de Nantadola.

O inimigo em Nangololo mandou um pelotão para recuprar o posto de Muidumbe que os portugueses foram forçados a abandonar no ano passado. Depois de recebermos esta informação do povo atacámos em 19 de Setembro. O inimigo sofreu pesadas baixas, porque como todos os edifícios estão destruídos, eles não tiveram onde se refugiar. No dia seguinte ao nosso ataque regressaram para Nangololo, com o seu efectivo grandemente reduzido.

helicóptero abatido

Em 24 de Setembro o inimigo tentou lançar uma ofensiva na zona de Itanda. Um dos seus helicópteros foi atingido pelo nosso fogo e despedaçou-se no solo quando tentava regressar para Mueda. Um comunicado português publicado em 7 de Outubro anunciou a destruição de um helicóptero em 24 de Setembro e a morte do piloto e 6 soldados duma companhia de comandos que nele seguiam.

Niassa

O controle da FRELIMO sobre a Província do Niassa foi consolidado pela destruição das linhas de comunicação e ataques a postos e campos de concen-

tração. Assim, fomos capazes de criar condições para o regresso do nosso povo que se tinha refugiado nos países vizinhos no início da luta.

Paralisámos o movimento inimigo na estrada que liga a capital, Vila Cabral com os centros militares, Litunde - Nova Vizeu - Luatize, e Quinás. Nas estradas como a estrada principal de Nova Freixo - Maua, e Marrupa - Mecula - Chamba - Catembe - Lussanhando, a destruição de pontes, colocação de minas e emboscadas constantes tornou-as praticamente intransitáveis. A situação é tal que mesmo os postos muito perto um do outro, como Nova Coimbra e Lunho, que estão somente a 10 kms. de distância, ou Meponda e Vila Cabral, raramente conseguem estabelecer comunicação por terra, recebendo todo o material por via aérea. Mas mesmo as comunicações aéreas já não oferecem nenhuma segurança. Em Março e Abril um avião e um helicóptero foram abatidos nos Distritos de Maniamba e Unango.

Durante o período entre 21 de Julho e 28 de Agosto de 1972, os combatentes da FRELIMO na Província do Niassa lançaram um ataque de artilharia contra o Posto de Lwangwa (28 Agosto); sabotaram a linha férrea na zona entre Belém e Vila Cabral, destruindo uma locomotiva e 8 vagões; e fizeram um grande número de operações de sabotagem e emboscadas. Mais de 60 soldados portugueses foram mortos e 11 veículos foram destruídos.



Camaradas italianos solidários com a FRELIMO

Durante o passado mes de Agosto uma delegação italiana visitou Cabo Delgado. A delegação era composta pelo camarada Giuseppe Soncini, Director do Hospital de Santa Maria Nuova de Reggio Emilia e Presidente do Comité de Assistência Sani-

tária a Moçambique livre; Lanfranco Turci, Conselheiro da Região da Emilia Romana; Angelo Pisi, membro do Conselho Municipal; Marisa Mussu, jornalista; Franco Cigarini e Claudio Poeta, cineasta e fotógrafo.



O povo moçambicano recebeu esta delegação das forças progressistas italianas como amigos e companheiros de luta. O Hospital de Santa Maria Nuova de Reggio Emilia e toda a Região da Emilia Romana tem desempenhado um papel importante no trabalho político de informação e mobilização da opinião pública italiana. O povo de Reggio Emilia constituiu um Comité de Ajuda Sanitária a Moçambique livre que tem prestado várias formas de ajuda à nossa Organização. Assim, quatro camaradas feridos foram tratados em Reggio Emilia e já regressaram. Três enfermeiros também foram aperfeiçoar os seus conhecimentos no Hospital de Reggio Emilia. Muito equipamento sanitário e medicamentos nos têm sido enviados

pelo povo de Reggio Emilia.

Esta solidariedade do povo italiano tem grande valor porque vem de um país que é membro da NATO e cujo governo apoia o governo português. Depois da sua visita a Cabo Delgado, a delegação fez uma declaração de que extraímos algumas passagens:

«A visita da nossa delegação tinha três objectivos:

1. Recolher material para organizar e preparar adequadamente a Conferencia Nacional de Solidariedade com os Movimentos de Libertação Nacional de Angola, Guiné e Moçambique, e em particular fazer um filme sobre a luta em Moçambique;

2. Conhecer concretamente a situação e as necessidades da FRELIMO e das regiões libertadas, para estarmos em medida de ajudar a FRELIMO da melhor maneira nos diferentes dominios da saúde, educação e produção.

3. Reforçar a solidariedade e os laços políticos entre os povos da Itália e de Moçambique.

Podemos dizer que estes objectivos foram plenamente atingidos. A FRELIMO, a quem dirigimos os nossos agradecimentos profundos e sinceros, permitiu-nos ver tudo o que quizemos.»

Depois de descrever as visitas às bases, escolas, postos sanitários, os contactos que tiveram com a população e com os combatentes cuja vida diária eles partilharam, a delegação tira conclusões:

«Estamos agora certos, declararam eles, que a FRELIMO representa as aspirações profundas das massas à liberdade e independência, contra o racismo e a exploração, pela conquista de melhores con-



Camarada Giuseppe Soncini

VISITANTES EM MOÇAMBIQUE LIVRE

dições de vida para todo o povo moçambicano. A força da FRELIMO deriva da sua capacidade de se ligar com as massas e do carácter internacional do seu combate.»

E mais adiante, referindo-se à acção de solidariedade na Itália, a delegação afirmou que «ao regressar à Itália, nós continuaremos a consolidar as nossas relações com a FRELIMO e a desenvolver a campanha de informação para que o nosso povo conheça exactamente a situação em Moçambique, e para que desta forma, ao lado da solidariedade com o Vietnam, o movimento de solidariedade para com a FRELIMO se desenvolva, para apressar a libertação de Moçambique e de toda a África».



Franco Cigarini



Para muitos dos nossos militantes e povo, o Dr. Slavcho Slavov é uma figura familiar. Conhecemo-lo de Mtwara onde ele trabalha conosco tratando os nossos feridos e doentes, ajudando-nos a aliviar os sofrimentos causados pelo colonialismo. Por isso, quando visitou recentemente a Província de Cabo Delgado, o Dr. Slavov continuava o seu trabalho e reafirmava, através da presença física no nosso país, a solidariedade do povo da Bulgária com a nossa justa luta.

Nas fotos aqui publicadas vemos o Dr. Slavov examinando e tratando doentes em Cabo Delgado.



O SECRETÁRIO - GERAL DA OUA VISITA A FRELIMO

Na dia 10 de Setembro o Secretário-Geral da Organização da Unidade Africana, Sr. Nzo Ekganki, visitou a Imprensa da FRELIMO em Dar es Salaam e a nossa Escola Secundária em Bagamoyo. Acompanharam-no durante a visita o Presidente da FRELIMO, camarada Samora M. Machel, o Secretário-Executivo do Comité de Libertação da OUA, Major Hashim Mbita, e outros funcionários da OUA e quadros da FRELIMO.

Na nossa Imprensa, nós explicámos ao Secretário-Geral da OUA as razões que nos levaram a criar um sistema que nos permitisse imprimir os nossos livros escolares e o nosso material de informação, e como é que esse sistema funciona.

O Sr. Ekganki falou aos estudantes e professores na escola de Bagamoyo, sobre o tema *o papel da juventude na luta de libertação*. Ele declarou que estava muito impressionado com o que tinha visto sobre o trabalho da FRELIMO, que, disse ele, é a 1ª Organização de combatentes da liberdade que ele visita desde que foi eleito para o cargo de Secretário-Geral.

EM PORTUGAL: A LUTA CONTINUA

As Brigadas Revolucionárias Portuguesas realizaram no dia 25 de Setembro uma acção de sabotagem contra as centrais eléctricas de Palmela e Sezimbra, perto de Lisboa. Essas instalações pertencem à Companhia Marconi (trust internacional) que tem o monopólio de todas as comunicações telegráficas e telefónicas com as colónias, assim como com a África do Sul, os Estados Unidos e a Inglaterra. Foram usados explosivos de plástico, que desmantelaram as duas centrais eléctricas, cortando as comunicações.

As Brigadas Revolucionárias são uma organização de militantes revolucionários portugueses. Um dos seus objectivos é realizar acções de sabotagem contra a máquina de guerra colonial. No comunicado que publicaram nesta ocasião afirmaram que esta acção foi realizada no dia 25 de Setembro, para comemorar a data do desencadeamento da luta armada em Moçambique e testemunhar assim a solidariedade dos revolucionários portugueses anti-colonialistas e anti-imperialistas com a justa luta da FRELIMO e do povo moçambicano.



O sr. Ekganki discursando na nossa escola de Bagamoyo

INFORMAÇÕES

COMENTÁRIOS

REPRESSÃO CONTRA ESTUDANTES

O nível de consciencia politica do nosso povo aumenta, não só entre os camponeses e operários, mas também entre os estudantes, intelectuais, funcionários, etc.

Esta situação inquieta os colonialistas, que, em reacção, fazem uma campanha de repressão cega e brutal. Depois da prisão de 1.800 trabalhadores na área de Lourenço Marques em Junho passado, eles lançaram-se agora contra os estudantes: no mês de Setembro foi banida a Associação dos Estudantes de Moçambique, acusada de estar a realizar actividades «contra o interesse da comunidade nacional e contra os principios de ordem moral e social, num momento dramático em que a sobrevivencia da própria nação está em causa» (conforme a explicação dada pelo Governador - Geral Português em Moçambique).

A razão real desta nova medida de re-

pressão do Governo português foi o facto de vários estudantes dessa Associação se terem recusado a entrar na tropa colonialista, indicando por essa sua atitude que não querem lutar contra o seu povo e são contra a politica colonial.

Na mensagem do 25 de Setembro deste ano, o Presidente da FRELIMO elogiou a posição dos estudantes, que, disse ele, torna-os dignos da estima do seu povo.

SEIS ANOS DE TROPA: POR CAUSA DAS BAIXAS

O jornal português «Noticias da Beira» de 12 de Outubro de 1972, revela que há rumores fortes segundo os quais as autoridades militares portuguesas estão a considerar aumentar o tempo de serviço militar obrigatório no exército colonial para 6 anos. Em 1967 esse tempo foi aumentado de 2 para 4 anos; agora, querem elevar para 6 anos.

Esta noticia provocou grande descontentamento entre o povo português, que não quer ver os seus filhos passarem toda a sua juventude perdidos na guerra, a serem dizimados, sem possibilidade de estudarem ou trabalharem, só para servirem os interesses dos capitalistas - colonialistas.

Vista de um outro ângulo, esta nova medida dos colonialistas portugueses mostra que a nossa luta está a alcançar grandes sucessos, está a liquidar as forças vivas do inimigo. E como já não tem mais homens para substituir os que nós matamos, o governo Português não tem outra solução senão aumentar o tempo de serviço militar obrigatório.